

NOTA PRÉVIA

«A Aurora» é uma selecta colectânea de profecias de diversas proveniências e filões, que D. João de Castro – exilado em Paris desde 1597 depois de se ter desiludido com o partido de D. António, o Prior do Crato – comenta cuidadosamente e usa como forma de interpretar e como meio de intervir naquela página – talvez das mais dramáticas... – da história lusa. É uma obra de grande fôlego apurada durante um longo exílio. E apesar de o autor, por várias vezes, a ter tentado editar, por vicissitudes e limitações várias, nunca o conseguiu fazer... Sem perder a esperança, nos últimos anos de vida deixou – emalado e lacrado – um manuscrito de 1441 páginas, escrito por sua própria mão em «letra grossa» e «cláusulas apartadas» para que servisse de espécime à edição sonhada que sabia não ser para os seus dias...

Já há algum tempo que ficou clara a importância de «A Aurora» para o entendimento das correntes proféticas na Idade Moderna e, particularmente, do fenómeno Sebástico. Foi por isso que a considerámos, em apêndice documental, na tese de doutoramento defendida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em Julho de 2004. E ficou o propósito de, na primeira oportunidade, dá-la à estampa para que, finalmente, possa ocupar o lugar que merece na história do Sebastianismo. Por isso, foi com particular agrado que vimos surgir esta oportunidade editorial proporcionada pelo CITCEM.

E importa aqui escrever as palavras devidas: o trabalho que é agora oferecido ao público nunca teria sido possível sem o incentivo, o apoio e a incomensurável generosidade – de alguns anos já... – do Doutor José Adriano de Freitas Carvalho; sem a atenção e égide da Doutora Zulmira Santos, Coordenadora da linha de investigação «Sociabilidades, Práticas e Formas de Sentimento Religioso»; sem o beneplácito do Doutor Gaspar Martins Pereira, Coordenador Científico do CITCEM e sem a atenta cooperação da Dr.^a Paula Montes Leal.

Desejámos, ainda, exprimir um último agradecimento aos membros do Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade (CIUHE) que – para nós desde 1998 – tem sido uma «escola» de rigor e de vitalidade intelectual.

A todos o nosso muito obrigado.

*«Quero que saibam que em caso que me Deos chamar sem me levar primeiro a Portugal e ver nelle ao Sempre Bem Vindo Rey Dom Sebastião, Nosso Senhor, o Encuberto que nenhũ dos prodigios e visões que tive foy por obra de Deos, senão cousa natural e humana, ou illusões do Inimigo...»**

* D. João de CASTRO, *Notandos Vários*, B.N.L., cód. 4392, p. 352 r.